

96 ANOS DE HISTÓRIA LITERÁRIA: FOTOBIOENTREVISTA COM NEIDA LÚCIA MORAES¹

96 YEARS OF LITERARY HISTORY: PHOTOBIOINTERVIEW WITH NEIDA LÚCIA MORAES

Renata Bomfim*
Vitor Cei*

Neida Lúcia Moraes nasceu em Vitória (ES), em 12 de junho de 1929. Segunda mulher a ingressar na Academia Espírito-Santense de Letras, começou a escrever ainda na infância — histórias e poemas que recitava na escola — e, ao longo de quase um século de trajetória, que alia estética literária e historiografia documental, destacou-se entre os grandes nomes da nossa literatura.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



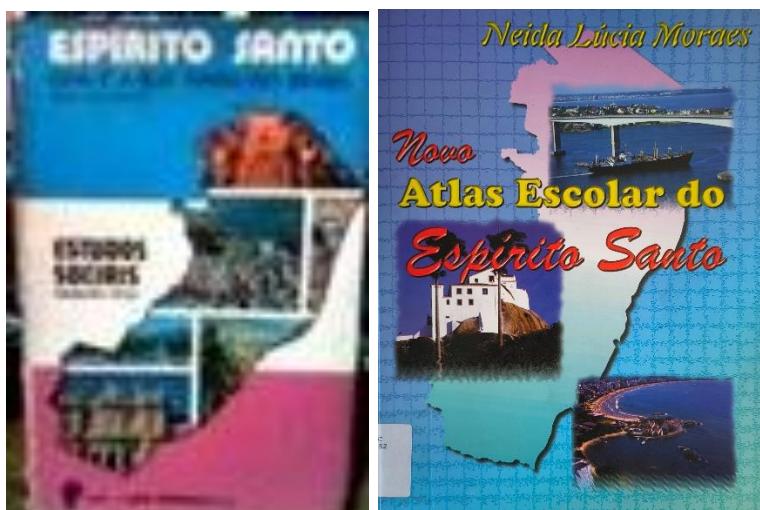
Neida Lúcia Moraes (Foto sem crédito – Fonte: Arquivo Público Estadual do Espírito Santo).

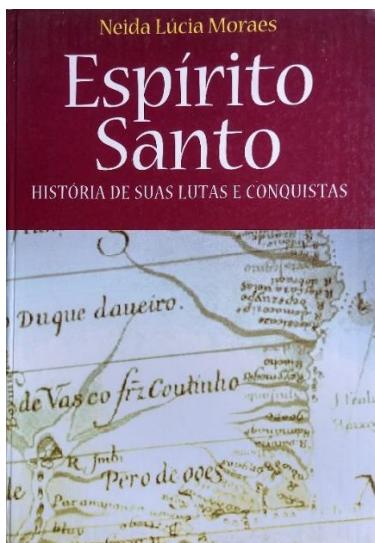




Vitória, cidade de Neida Lúcia Moraes, na altura do seu nascimento (Fotos sem crédito).

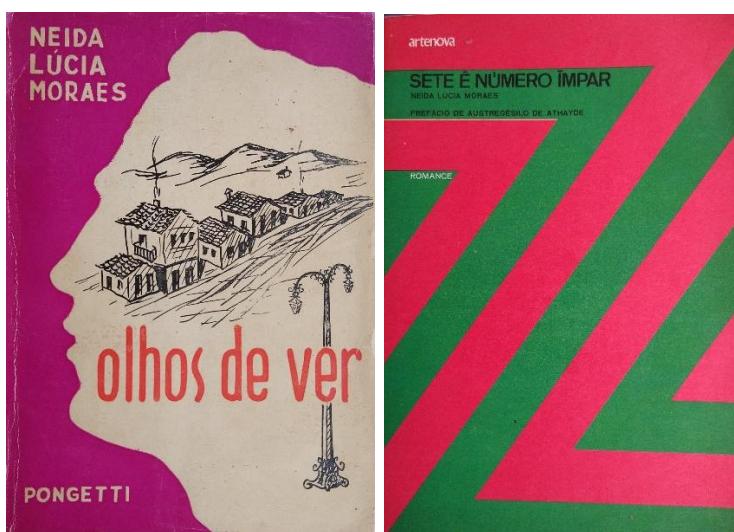
Historiadora formada pela Universidade Federal do Espírito Santo e professora aposentada da instituição, consolidou-se como referência na historiografia do estado, com livros didáticos como *O Espírito Santo é assim: panorama histórico, econômico e geográfico do Estado* (Artenova, 1971) e *Espírito Santo, esta é a sua terra no Brasil* (Lisa, 1973), este último adotado em toda a rede oficial de ensino do antigo 1º grau.

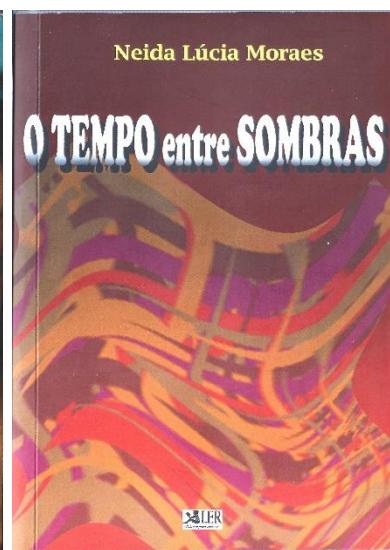
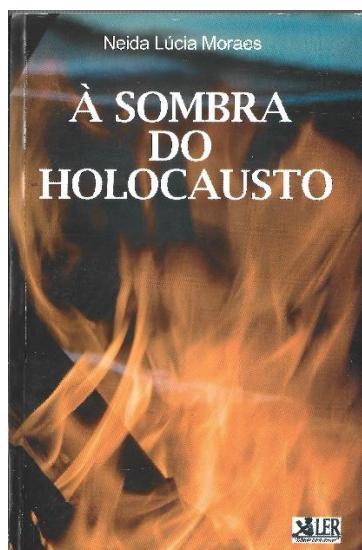
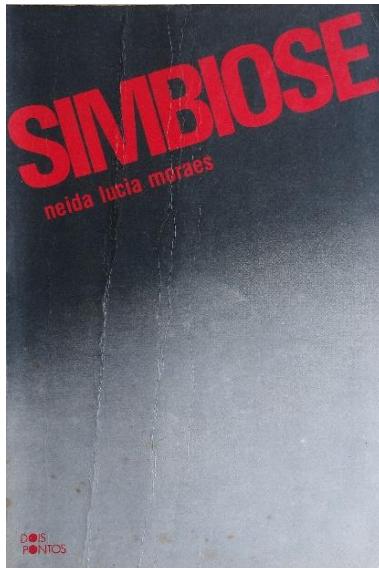


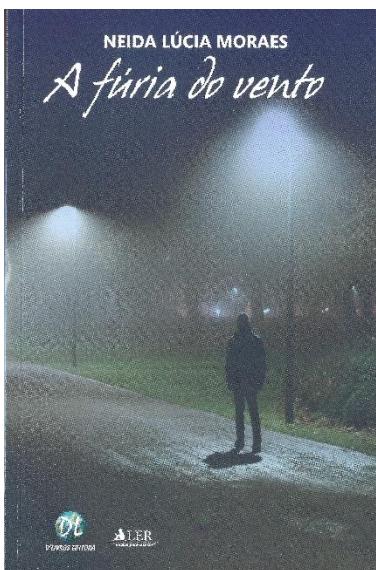


Capas dos livros historiográficos de Neida Lúcia Moraes.

Como escritora de ficção, publicou *Olhos de ver* (romance, Editora Pongetti, 1967), obra premiada pelo Instituto Nacional do Livro; *Sete é número ímpar* (romance, com prefácio de Austregésilo Athayde, Artenova, 1971); *O mofo no pão* (Lisa, 1984); *O sentido da distância* (Lisa, 1985); *Simbiose* (Lisa, 1987); *À sombra do holocausto* (2010), que reúne *O mofo no pão* e *O sentido da distância*; em 2016, entretanto, a autora substituiu o título *À sombra do holocausto* por *O tempo entre sombras*, e *A fúria do vento* (2018). Também publicou crônicas e artigos em jornais capixabas e portugueses.







Capas dos romances de Neida Lúcia Moraes.

A GAZETA

O visível e o seu invisível

Neida Lúcia Moraes

Trás-os-Montes — Foi passeando pelos campos, num fim de semana prolongado, o nevoeiro matinal se levantando de manso que, de repente, reparci na casa de granito escondida entre os platôes, bem típica das aldeias de Trás-os-Montes. E lá estava ela vestida de preto, os cabelos brancos aparecendo através do lenço, os olhos muitos claros, cor de mel. Apanhava favas, com as quais ia enchendo um grande cesto.

— Bom-dia — disse-lhe.

Ela respondeu bom-dia e perguntou se eu gostava de favas. A minha resposta afirmativa, foi explicando que as preparava com chouriço e muitas ervas, ficavam saborosas, na Espanha não as preparavam tão bem. Pelo desenrolar da conversa percebi que me tomava por espanhola, expliquei: Sou brasileira — ela não apareceu se importar ou não entendeu muito bem.

Ajudei-a na colheita, ao final ofereceu-me chá com uma broa especial, recém-saída do forno de pedra. E a manteiga era feita por ela, o queijo de ovelhas uma especialidade, receita da avó.

Conversamos sobre as plantações, as hortaliças verdes brilhando ao sol, agora que o neveiro se dissipava. Colocou mais lenha no fogo, atiçou brasas e me contou que fora a mais bela jovem (ela dissera parapiga) do seu tempo — e eu imediatamente acreditei.

Tinha as mãos grossas e deformadas, carregara à cabeça montes de lenha e potes de água. Ela dissera albufeiras de água, com aquela sotaque especial da região. Criava ovelhas, porcos e coelhos, muitas vezes agasalhava-os em sua própria cama quando o frio ameaçava gelá-los e a neve cobria os caminhos.

Contou-me histórias de aparições quando voltei lá no outro dia convidada para o almoço de favas. Movimentava-se rapidamente lavando as alfazegas e as cerejas recém-colhidas, havia também coelhos estrujido na sertã (refogado na frigideira). E o vinho saboroso, chamado vinho dos mortos, porque de-

pois de engarrado era enterrado por dois ou três anos.

Cinco vezes engravidara, cinco vezes dera à luz.

Não sabia nada de ecologia, mas amava as árvores, as flores, os bichos, cuidando de tudo com especial desvelo.

Não entendia de política, nem de economia, nem de literatura, filosofia ou religião. Num vocabulário elementar, contava casos acontecidos ao seu redor. Nunca se distanciaria a mais de légua e meia. As palavras “guerra fria”, “inflação”, “corrupção” não lhe significavam nada. Transportava consigo um pequeno casulo de interesses. Sensível às chuvas que alagavam o solo, ou à falta delas que prejudicava as colheitas. Tinha grandes ódios pelos que lhe roubavam os coelhos, mas imensas dedicações a vizinhos fraternos.

Levou-me a ver os ninhos das cegonhas, sabia que haveria filhotes para breve.

À despedida, apertei sua mão calosa e áspera, pensando nas trezentas ou quatrocentas palavras (se tantas!) do seu vocabulário. Um quintal que se percorria em menos de cinco minutos, uma casa de pedras e chão de barro.

Ela fora bela e ainda conserva-

va traços dessa beleza. Os olhos vivos, inteligentes. Por que foi, então, que lhe roubaram o mundo? Disto sei eu e poderia explicar-lhe com o meu vasto vocabulário. Para quê? De que adiantaria? Já não vale a pena.

Imagino-a na soleira da porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para um céu de que de nada sabe, restrita ao seu pedaço de mundo de onde nunca saiu: — O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer.

Sigo pelo atalho mais próximo, levo cerejas, queijos e legumes para meus amigos anfitriões.

Mas mal percorro um quilômetro, deparo-me com o oleiro na sua tarefa habitual.

— Boa-tarde — digo-lhe — ou devo dizer boa-noite, já passam das nove, embora este sol tão luminoso!

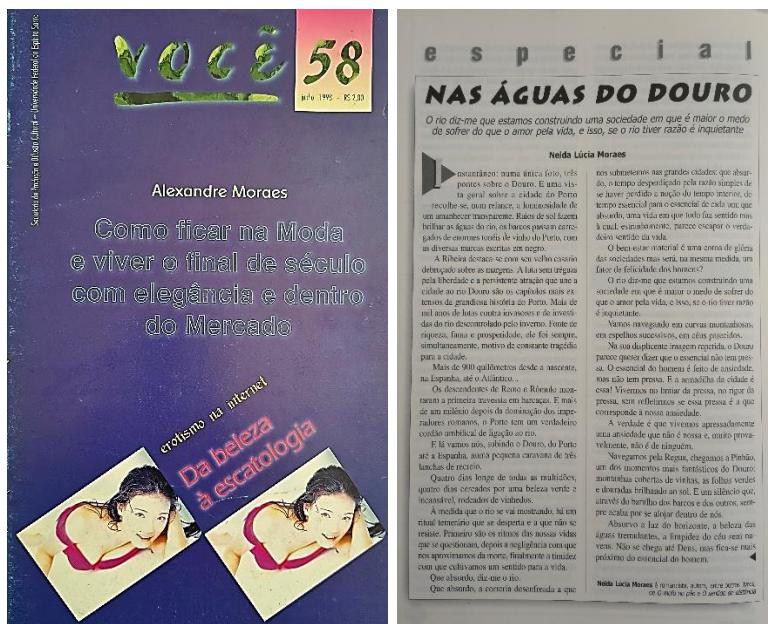
— É o verão — responde — e me fita com aquela mesma expressão serena e fatigada, o boné escondendo os cabelos brancos.

— Gostas dos meus potes? São feitos para a pesca do polvo, achas bem?

Neida Lúcia Moraes é professora da Ufes e escritora

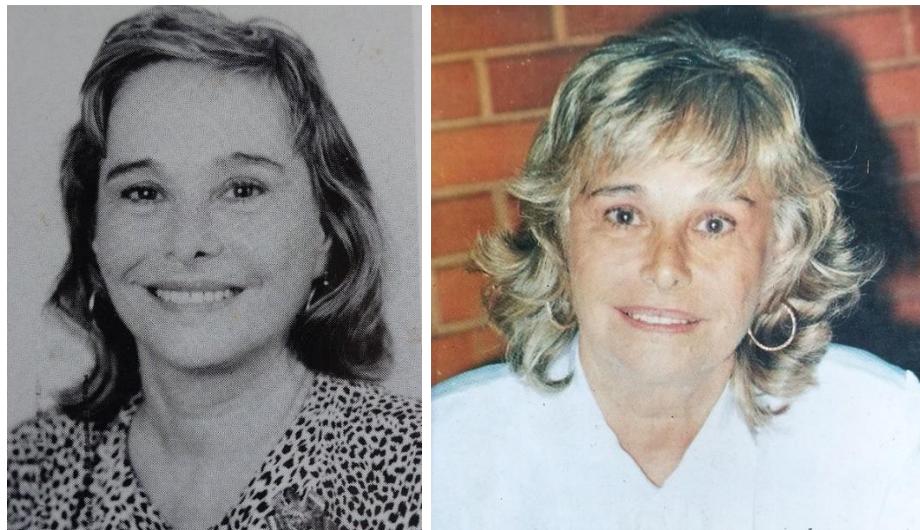
Vitória (ES), quarta-feira, 5/08/1992

Print da crônica “O visível e o seu invisível”, de Neida Lúcia Moraes, publicada em 1992 (Acervo da autora).



Capa da revista *Você*, da Ufes, e página com a crônica "Nas águas do Douro", de Neida Lúcia Moraes, de 1998.

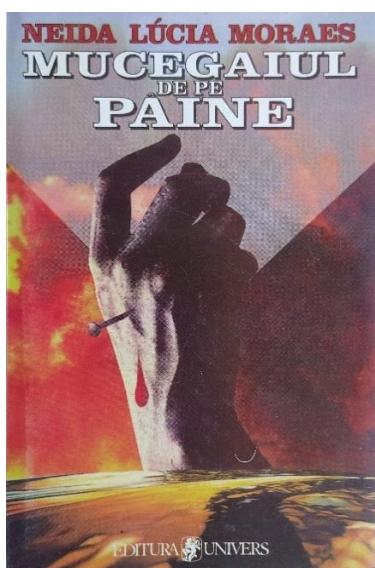
No conjunto de sua produção, observa-se um projeto ético-estético que combina a imaginação narrativa ao exame de documentos e fatos históricos, especialmente relacionados ao Espírito Santo. Essa articulação entre literatura e história confere às suas obras um lugar singular, tanto no panorama da ficção brasileira quanto no da literatura regional, ampliando horizontes de recepção e problematizando silenciamentos de gênero, classe e região.





Retratos da autora (Fotos sem crédito).

Em 1998, seu romance *O mofo no pão* foi traduzido para o romeno, e a autora convidada para o lançamento em Bucareste, numa tarde movimentada e festiva. De acordo com Veronica Manole (2024), o contexto do pós-comunismo, marcado pelo fim da censura estatal, favoreceu a abertura do mercado editorial romeno para culturas chamadas semiperiféricas, como a brasileira, já que as editoras precisaram adaptar-se à lógica capitalista.



Capa da tradução romena de *O mofo no pão* e Neida Lúcia Moraes (Foto de Vitor Cei).

Nos anos 1990, devido à enorme audiência da novela *Escrava Isaura* entre os romenos, houve um *boom* de traduções de autores brasileiros. Além de Neida, foram publicadas obras de Jorge Amado (traduzido no país desde 1948), e Lima Barreto, Érico Veríssimo, Paulo Coelho, entre outros.



Entre outros, Lima Barreto, Jorge Amado e Érico Veríssimo, autores brasileiros traduzidos para o romeno, como Neida Lúcia Moraes.



Neida Lúcia Moraes, entre Aylton Bermudes e José Moysés,
em um de seus lançamentos (Acervo da autora).

A entrevista que se segue foi realizada presencialmente nos dias 05 de agosto e 09 de outubro de 2025, na residência de Neida Lúcia Moraes, então com 96 anos de idade. O encontro em Vitória (ES) foi gravado, transcreto e editado por nós. Na conversa, a autora revisita a própria trajetória, oferecendo um testemunho sobre sua formação, seus processos criativos e os desafios enfrentados ao longo de mais de meio século de atividade literária.

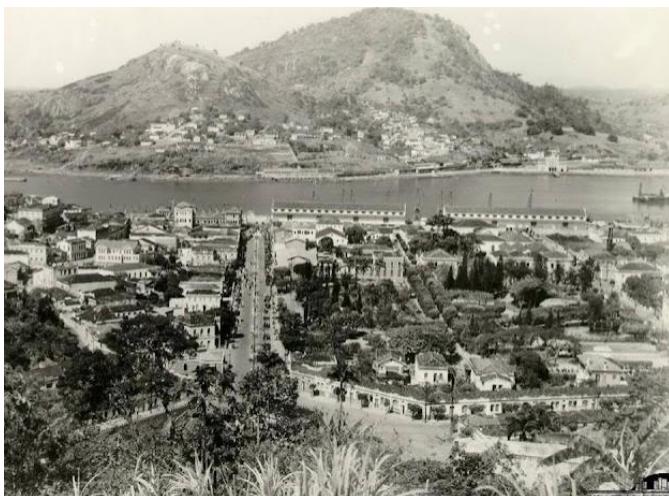


Neida Lúcia Moraes e os entrevistadores
Renata Bomfim e Vitor Cei (Foto de Cícero Moraes).

Nascida em 1929, você começou, ainda menina, a escrever histórias infantis e poemas que recitava na escola. Com o tempo, essa inclinação para a escrita levou à estreia em livro com o romance *Olhos de ver* (Pongetti, 1967), premiado pelo Instituto Nacional do Livro. Desde então, construiu uma trajetória prolífica, com destaque para os romances, além de *Simbiose* (Lisa, 1987), *O mofo no pão* (Lisa, 1984) e *O sentido da distância* (Lisa, 1985), reunidos posteriormente em *À sombra do holocausto* (2010), cujo título foi alterado em 2016 para *O tempo entre sombras*. Ao repensar vida e obra, como você caracteriza a trajetória até aqui? Quais foram as experiências e reflexões mais marcantes?

Ah, mas que trabalho bonito o que vocês estão realizando. Vocês sabem de tudo! Sabem mais do que eu, que já esqueci muita coisa. Estou velhinha, não é? Eu nasci em Vitória e fui criada no Parque Moscoso, onde morava. Mais tarde, quando já estava até noiva, meus pais vieram para a Praia do Canto, onde vivo até hoje.



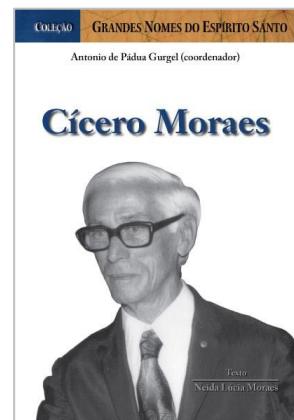


Parque Moscoso, em Vitória, nos anos 1940 e 1950, período da infância e adolescência de Neida Lúcia Moraes (Fotos sem crédito).

Acho que nasci com um pouco da veia do meu pai, Cícero Moraes — que é também o nome do meu filho, que hoje mora comigo.

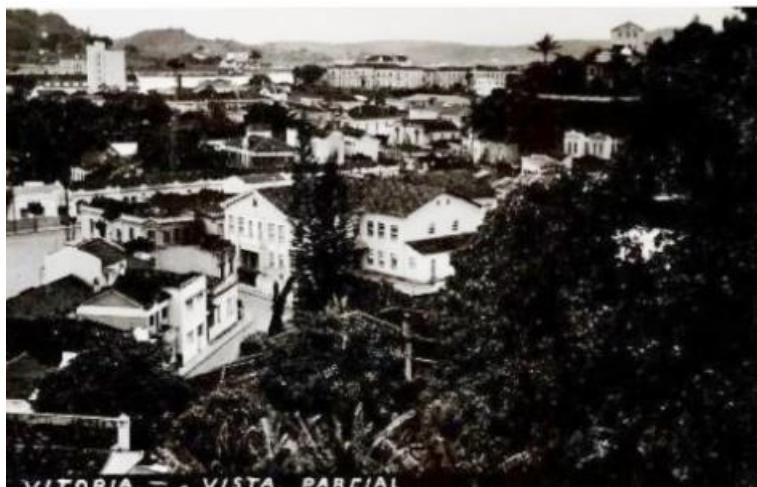


O retrato do pai de Neida Lúcia Moraes, Cícero Moraes, quando jovem, grande incentivador da sua carreira, parte da sua biblioteca (Foto de Paulo Roberto Sodré) e capa da biografia assinada pela autora.



Ele era engenheiro, advogado e escritor. Papai escrevia mais textos técnicos, porque era engenheiro civil. Gostava muito de geografia e foi professor dessa disciplina. Eu sempre amei escrever e parti para o romance. Acredito que puxei a tendência do meu pai, que me apoiou na juventude.

No Colégio Americano, em Vitória, sempre que havia algum evento, eu era logo convidada: "Neida vai falar!". Eu gostava de ler, primeiro comecei com histórias de amor, essas coisas. E fui subindo, subindo...



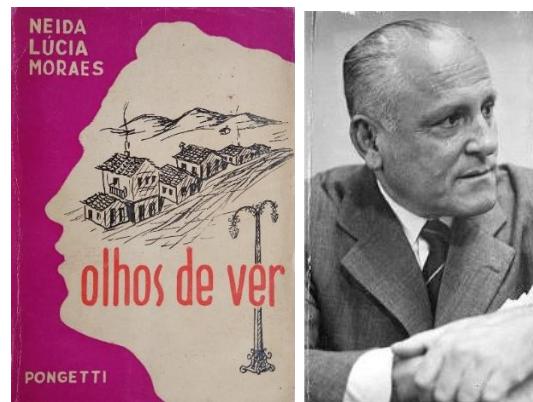
Colégio Americano (no centro da imagem, nos arredores do Parque Moscoso, à esquerda acima) em Vitória, nos anos de 1940 (Foto sem crédito), quando e onde Neida Lúcia Moraes estudou (Acervo da autora).

Como foi o contato com a editora Pongetti, do Rio de Janeiro, uma das mais importantes da época?

Não havia editora em Vitória. Sabendo que havia essa editora, que era melhor no Rio na época, bati lá. E eles, então, falaram que iam examinar e me dariam a resposta. Não demoraram. Levaram quase um mês, daí deram a resposta: "Olha, gostamos muito do livro, vamos publicar." Então o livro foi impresso nas oficinas gráficas da Pongetti em 1967, com uma grande tiragem, incomum para a época.



Logomarcas da famosa editora Pongetti

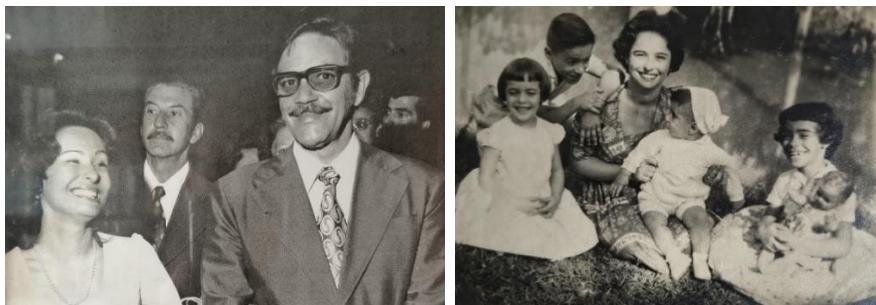


Capa da edição do livro de Neida Lúcia Moraes e foto do editor Henrique Pongetti (Foto sem crédito).

Historicamente, nota-se o silenciamento das vozes e a repressão dos corpos de mulheres e outras minorias. O Espírito Santo tem o agravante de ser um estado que costuma receber pouca visibilidade na cena cultural nacional. Nas entrevistas do projeto *Notícia da atual literatura brasileira*, constatou-se uma percepção quase unânime entre dezenas

de escritores residentes no estado: a circulação, a distribuição e a recepção são restritas, com dificuldades para alcançar editoras e leitores fora daqui. Exceção à regra, seus romances alcançaram edições sucessivas, foram traduzidos e publicados no exterior, além de renderem convites frequentes para ministrar cursos e proferir palestras em outros países. *Sete é um número ímpar* (1971), por exemplo, teve repercussão em Portugal; *O mofo no pão* (1984) foi traduzido para o romeno e lançado em Bucareste; *Simbiose* (1987) foi elogiado por José Saramago; e *À sombra do holocausto* (2010) foi traduzido para o inglês e o espanhol. Sendo uma mulher escritora capixaba, como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra? Sentiu alguma dificuldade na carreira?

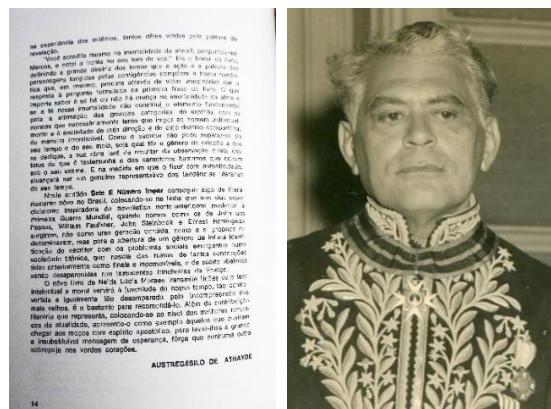
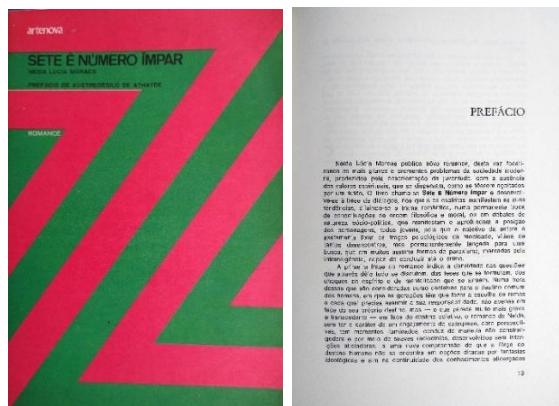
Ser mulher e capixaba não me prejudicou em nada.



Neida Lúcia Moraes, o marido (*In memoriam*) e os filhos na infância e na juventude (Acervo pessoal).



Eu gostava de escrever e escrevia. Quem não gostasse, paciência. Não pensava em público. Pensava em escrever. Mas meu primeiro livro teve ótima recepção, saiu no jornal com páginas inteiras. Fui feliz desde o primeiro lançamento. Corri muitas partes do mundo através dos meus livros: foram premiados, traduzidos.



Prefácio do presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde (Foto sem crédito), para o romance *Sete é número ímpar*, 1971, de Neida Lúcia Moraes.



Recorte da matéria de Marzia Figueira
sobre o lançamento de *O mofo no pão* (1984), de Neida Lúcia Moraes (Acervo da autora²).

² Essa e outras imagens estão emolduradas na biblioteca da autora, o que dificultou a qualidade da reprodução (N. ed.).



Retratos de Neida Lúcia Moraes (Acervo da autora).





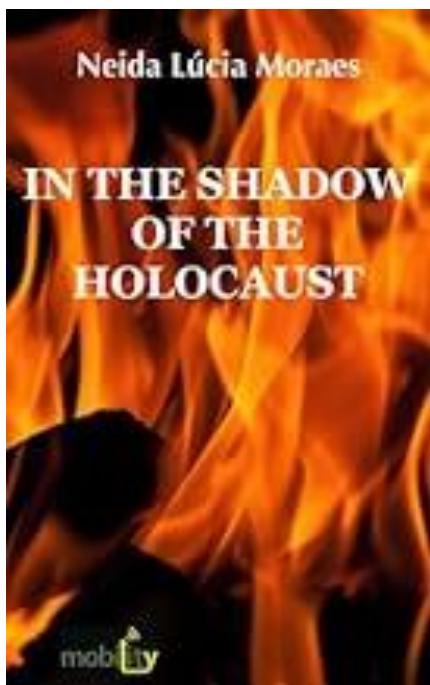
Neida Lúcia Moraes na sua posse na Academia de Letras e Artes de Cascais, em Portugal (Acervo da autora).



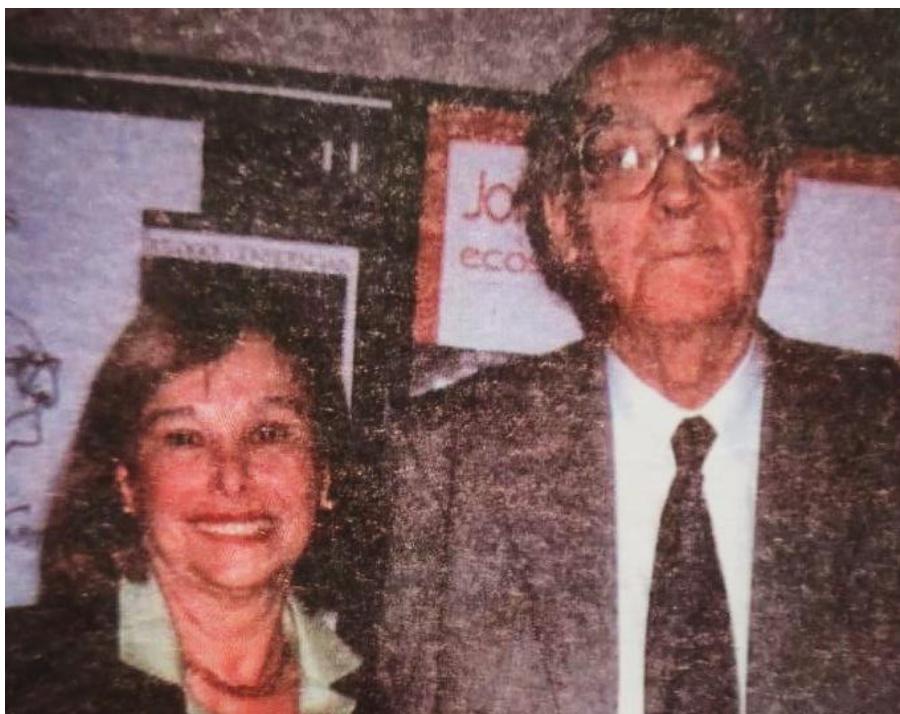
Sede da Academia de Letras e Artes de Cascais, em Estoril, Portugal, e o emblema da instituição à que Neida Lúcia Moraes é associada.



Recorte de reportagem sobre a posse de Neida Lúcia Moraes e outros acadêmicos na Academia de Letras e Artes de Cascais (Acervo da autora).



Capa do romance *À sombra do holocausto* em tradução para o inglês.



Neida Lúcia Moraes e José Saramago (Acervo da autora).

Neida Lúcia toma posse na AEL

Foto de Alton Lopes

A Academia Espírito-Santense de Letras (AEL) empossou, ontem, a sua mais nova imortal. Neida Lúcia de Moraes assumiu a cadeira de número 19, anteriormente ocupada por Lival Sávio, poeta e contabilista de Cachoeiro de Itapemirim e suplantado por João Motta, outro pachecense. Com quatro livros publicados, Neida Lúcia, a segunda mulher a ocupar uma vaga na academia, foi saudada por outro imortal, Renato Pacheco, em solenidade realizada no Tribunal de Justiça.

Antes de Neida Lúcia, que é professora da Ufes e chefe da Divisão de Literatura do Departamento Estadual de Cultura (DEC), a ex-deputada Judith Castello Léão havia sido a única mulher a ocupar uma das vagas da academia. A explicação para o fato, durante tanto, pelo presidente da entidade, José Moysés, foi simplista: até Judith Castello Léão, nenhuma capixaba se dispôs a se inscrever para concorrer a uma das vagas.

DISCURSO

Num discurso de 10 laudas, que durou 30 minutos, Neida Lúcia falou, entre outras coisas, que o fato de tomar posse na academia não passa ela um significado especial. "Não me é novo, mas se tivesse me animado uma meta, mas sim, começando uma nova tarefa. Sintu-me bem, iniciando um novo trabalho". Agora na academia, ela acredita que

Brasil, ao assumir a cadeira 19 na academia, acredita que recebe também um estímulo maior para concluir seu mais novo romance, que vem sendo escrito há anos, ainda que titulado.

"A vida do poeta é sempre uma mensagem de amor. O escritor é o artista, o escultor da palavra que, muitas vezes, modifica o todo social através da análise e da reflexão", disse ela em seu discurso, assegurando ainda: "Ouso mesmo afirmar que a América Latina tem feito da literatura a sua consciência. Muitas vezes, ela ocupa o lugar da Sociologia, da Psicologia Social, da Antropologia, da Política, no jogo de dizer nas entrelinhas o que a repressão organizada permite".

Neida Lúcia foi indicada para ocupar a cadeira 19 em 1991, quando o jornalista José Luiz Holzmeister, de A GAZETA, para a direção da AEL, ambas em agosto deste ano. Holzmeister, no entanto, só tomaria posse em março do ano que vem, segundo expôs José Moysés. Em relação à indicação de outras mulheres para a academia, o presidente da entidade fez questão de frisar que essa é uma das intenções dos seus 40 membros.

Moysés também lembrou que, além do fato de ser a segunda mulher a ocupar uma vaga na academia, Neida Lúcia também será o primeiro caso de uma filha ter um pai como colega, na entidade. Seu pai, Cícero Moraes, também é um dos imortais da Academia Espírito-Santense de Letras.



Neida Lúcia, nova imortal

surja a oportunidade de realização de mais um trabalho na área de literatura. "Será uma experiência gratificante, com certeza. Nas reuniões da academia, poderei ouvir outros escritores, em reuniões de estudo. Será possível sugerir e levar a efeito idéias, dentro de uma entidade, comentar".

A autora de *Olhos de Ver, Sete é Número Impar, O Espírito Santo é Assim e Espírito Santo*. Esta é a sua Terra no



Recorte com a notícia da posse de Neida Lúcia Moraes na Academia Espírito-santense de Letras, em 1992, e o diploma (Acervo da Autora).



Neida Lúcia Moraes (na primeira fila, a primeira à esquerda)
e parte dos membros e membras da Academia Espírito-santense de Letras
(Foto sem crédito. Fonte: *Folha literária*).



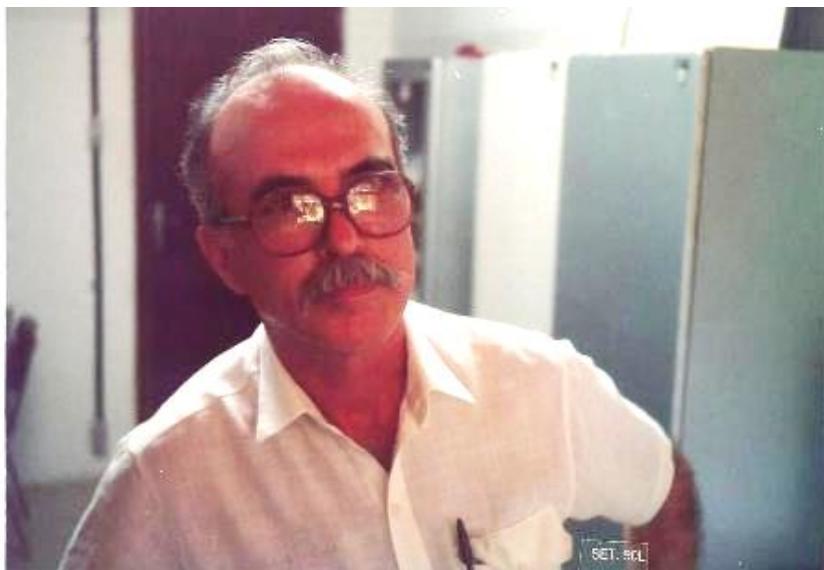
Neida Lúcia Moraes (a primeira à esquerda de cima para baixo)
e suas colegas da Academia (Foto sem crédito. Fonte: *Folha literária*).

Até em Portugal e na Romênia fui publicada e viajei para lá, dei aulas, fiz amizades. Recentemente até minha neta me mostrou exemplares em grandes livrarias de Portugal e Paris.



Neida Lúcia em Lisboa e Coimbra, Portugal,
onde lecionou e palestrou (Acervo da autora).

O único que implicava era Amylton de Almeida, que não simpatizava comigo. Mas também tive grandes defensores, como José Augusto Carvalho. Ficamos amigos, ele analisava meus textos com rigor. Quem também me deu muita força foi Heriberto Salles, presidente do Instituto Nacional do Livro entre 1975 e 1977.



Heriberto Salles (Foto sem crédito)
e José Augusto Carvalho (Foto de Paulo Roberto Sodré), leitores de Neida Lúcia Moraes.

O que diria a professores e estudantes que leem seus livros em sala de aula?

Nas escolas, a recepção da minha obra era muito boa, as crianças gostavam. Além disso, os meus livros foram para o vestibular da Ufes. O que eu diria? Eu

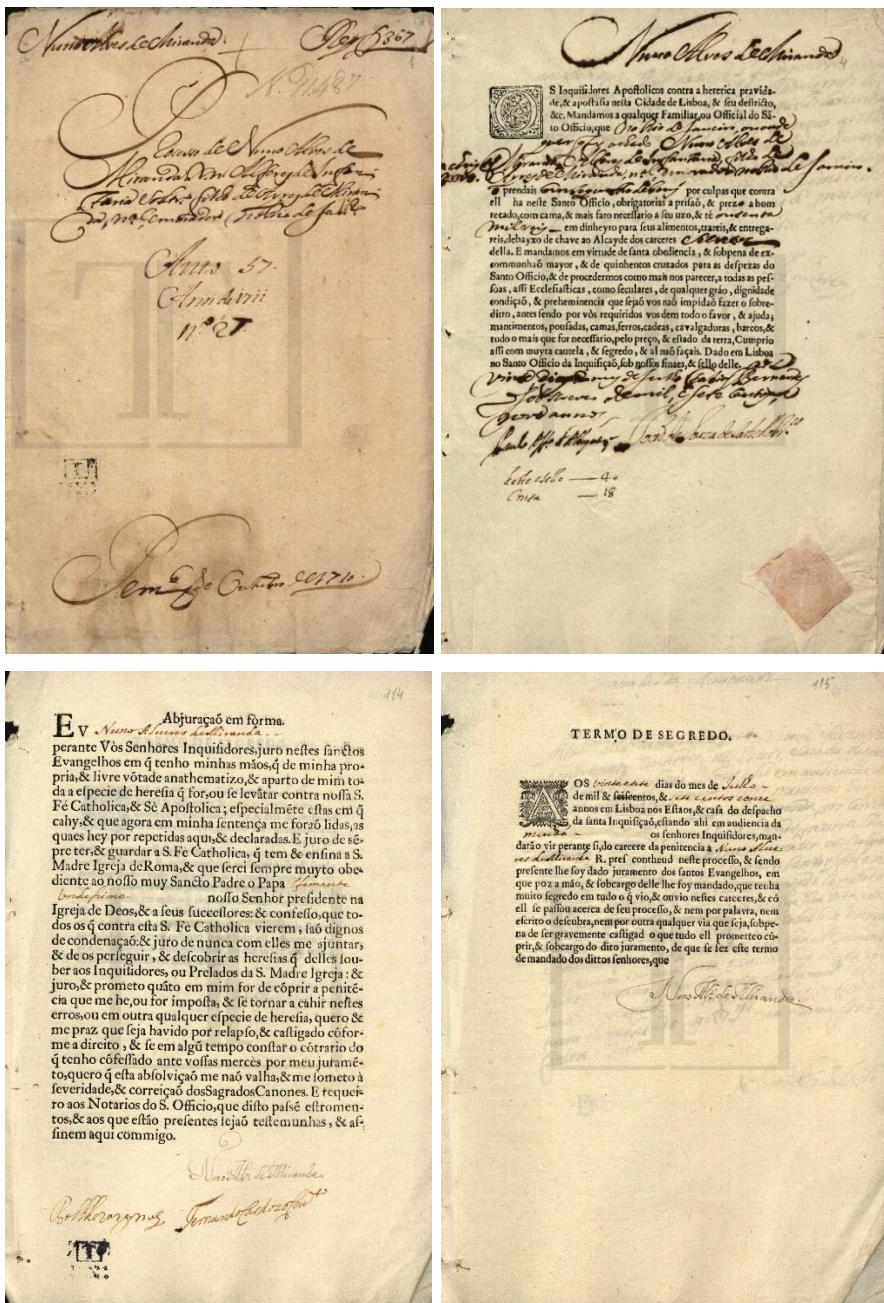
diria que era um prazer ajudar os alunos, era um prazer ter a oportunidade de trazer informações.



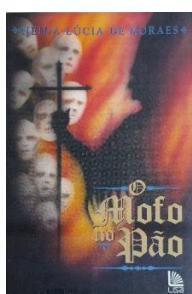
Certificados de mérito concedidos a Neida Lúcia Moraes pelo Conselho Estadual de Cultura, pela Academia Espírito-santense de Letras e pela Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo.

Historiadora formada pela Ufes e professora aposentada da disciplina, a senhora vem se dedicando a um aprofundamento contínuo dos fatos que marcaram o Brasil e o Espírito Santo, escrevendo uma série de romances históricos baseados em estudos documentais. Quais escolhas formais e temáticas orientam o seu método de escrita e sua relação com o passado e o presente?

Sempre gostei de escrever sobre a história do meu estado. Escrevia sobre lugares que visitava. Claro que o historiador também inventa um pouco. A imaginação vai além.



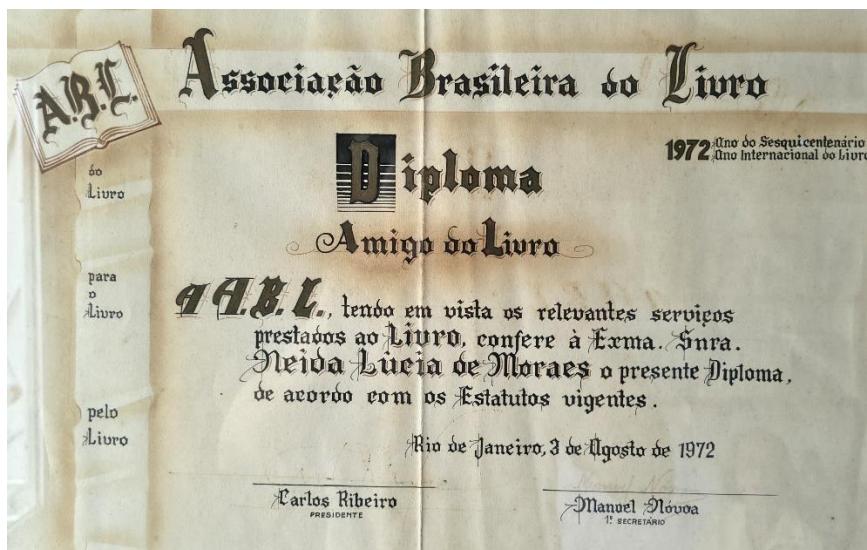
Capa e páginas do processo de Nuno Alvares Miranda, fonte do romance *O mofo no pão*, de Neida Lúcia Moraes. Abaixo, capa do romance e fachada do Arquivo Nacional Torre do Tombo (Foto sem crédito. Fonte: ARQUIVO), em Lisboa, onde está registrado o documento.





Print do programa *Livros em revista*, em que Neida Lúcia Moraes é entrevistada por Ralph Peter sobre seu romance *O tempo entre sombras*, na BCC International Television de São Paulo.

Eu continuo interessada em leitura, em autores novos. Parece que eu nem estou com essa idade toda.



Diploma de "Amigo do Livro" concedido a Neida Lúcia Moraes, em 1972, pela Associação Brasileira do Livro (ABL).



Neida Lúcia Moraes (Fotos de Renata Bomfim, à esquerda, e de Vitor Cei).

Referências:

ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. Disponível em: <<https://digitarq.arquivos.pt/documentDetails/4845d21b68994523aa7b0eb191c5f71e>>. Acesso em: 30 out. 2025.

FOLHA literária, Vitória, n. 1, 2023. Disponível em: <https://ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_letras/folha_literaria_01.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

MANOLE, Veronica. A tradução na/da semiperiferia: a literatura brasileira na Romênia. *Revista Letras*, Curitiba, n. 109, p. 50-70, jan./jun. 2024.

MORAES, Neida Lúcia. *A fúria do vento*. São Paulo: D'Livros; Ler, 2018.

MORAES, Neida Lúcia. *À sombra do holocausto*. São Paulo: Lisa, 2010.

MORAES, Neida Lúcia. *Espírito Santo, esta é a sua terra no Brasil*. São Paulo: Lisa, 1973.

MORAES, Neida Lúcia. *O Espírito Santo é assim: panorama histórico, econômico e geográfico do Estado*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

MORAES, Neida Lúcia. *O mofo no pão*. São Paulo: Lisa, 1984.

MORAES, Neida Lúcia. *O sentido de distância*. São Paulo: Lisa, 1985.

MORAES, Neida Lúcia. *Olhos de ver*: romance. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

MORAES, Neida Lúcia. *Sete é número ímpar*: romance. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

MORAES, Neida Lúcia. *Simbiose*. São Paulo: Lisa, 1987.